

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO ESTUDANTE

ACTIVE METHODOLOGIES AS A STRATEGY FOR THE DEVELOPMENT OF STUDENT AUTONOMY

METODOLOGÍAS ACTIVAS COMO ESTRATEGIA PARA EL DESARROLLO DE LA AUTONOMÍA DEL ESTUDIANTE

Eliane Simpício de Oliveira Ferreira¹
Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as metodologias ativas como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da autonomia do estudante no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo revisão bibliográfica, fundamentada em produções científicas disponíveis em bases acadêmicas como Google Acadêmico e SciELO. Os resultados evidenciam que metodologias como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas e projetos, ensino híbrido e gamificação favorecem o protagonismo discente, o pensamento crítico e a responsabilidade pelo próprio aprendizado. Contudo, também são identificados desafios relacionados à formação docente, à resistência às mudanças pedagógicas e às condições estruturais das instituições de ensino. Conclui-se que as metodologias ativas representam um caminho promissor para a construção de práticas pedagógicas mais significativas, desde que estejam alinhadas a um planejamento pedagógico consistente e a uma concepção de educação centrada no estudante.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Autonomia do estudante. Ensino-aprendizagem. Prática pedagógica.

ABSTRACT: This article aims to analyze active methodologies as a pedagogical strategy for the development of student autonomy in the teaching-learning process. This is a qualitative bibliographic review based on scientific studies available in databases such as Google Scholar and SciELO. The results show that methodologies such as flipped classroom, problem-based learning, project-based learning, hybrid teaching, and gamification promote student protagonism, critical thinking, and responsibility for learning. However, challenges related to teacher training, resistance to pedagogical change, and institutional infrastructure are also identified. It is concluded that active methodologies represent a promising path for more meaningful educational practices when aligned with consistent pedagogical planning.

Keywords: Active methodologies. Student autonomy. Teaching-learning. Pedagogical practice.

¹ Doutorado em Ciências da educação, Professora. Universidad Suldamericana, Desempenha; Escola municipal Maria Oliveira dos Santos (Itapissuma - PE).

² Doutora em Educação (Ph.D.), com título reconhecido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); mestre em Educação, com título também reconhecido pela UFAL; especialista em Escrita Acadêmica Avançada e em Psicopedagogia; graduada em Pedagogia e habilitada em Magistério. Escola Municipal de Cumaru, Secretaria de Educação de Cumaru-PE; Faculdade Luso-Brasileira (FALUB); e Christian Business School, conforme o vínculo descrito no currículo ORCID.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar las metodologías activas como estrategia pedagógica para el desarrollo de la autonomía del estudiante en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Se trata de una investigación cualitativa de revisión bibliográfica, basada en producciones científicas disponibles en bases de datos como Google Scholar y SciELO. Los resultados evidencian que metodologías como el aula invertida, el aprendizaje basado en problemas y proyectos, la enseñanza híbrida y la gamificación favorecen el protagonismo del estudiante, el pensamiento crítico y la responsabilidad por su propio aprendizaje. No obstante, también se identifican desafíos relacionados con la formación docente y la resistencia al cambio pedagógico. Se concluye que las metodologías activas constituyen una estrategia relevante para una educación centrada en el estudiante.

Palabras clave: Metodologías activas. Autonomía del estudiante. Enseñanza-aprendizaje. Práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

As transformações sociais, culturais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas têm provocado profundas mudanças no campo educacional, exigindo a revisão de práticas pedagógicas tradicionalmente centradas na transmissão de conteúdos. Nesse contexto, cresce a necessidade de modelos educacionais que valorizem a participação ativa do estudante, o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção da autonomia no processo de aprendizagem. As metodologias ativas emergem como estratégias pedagógicas alinhadas a essas demandas, ao proporem uma reorganização do ensino baseada no protagonismo discente e na aprendizagem significativa.

2

Historicamente, o modelo tradicional de ensino atribuiu ao professor o papel central de transmissor do conhecimento, enquanto o estudante assumia uma postura predominantemente passiva, limitada à escuta e à reprodução de informações. Embora esse modelo tenha contribuído para a expansão do acesso à escolarização, seus limites tornam-se evidentes diante das exigências da sociedade contemporânea, que demanda sujeitos capazes de aprender continuamente, resolver problemas, tomar decisões e atuar de forma crítica e autônoma. Nesse cenário, as metodologias ativas apresentam-se como alternativas pedagógicas que buscam superar a lógica da passividade discente e promover aprendizagens mais significativas e contextualizadas (MORAN, 2021).

As metodologias ativas são compreendidas como abordagens de ensino que colocam o estudante no centro do processo educativo, incentivando sua participação ativa na construção do conhecimento por meio de atividades investigativas, colaborativas e reflexivas. Estratégias como a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem baseada em projetos, a sala de

aula invertida e o ensino híbrido têm sido amplamente discutidas na literatura educacional brasileira como práticas capazes de estimular o protagonismo discente e o desenvolvimento da autonomia (BACICH; MORAN, 2021; VALENTE, 2022).

A autonomia do estudante, nesse contexto, não se restringe à capacidade de estudar de forma independente, mas envolve a habilidade de planejar, monitorar e avaliar o próprio processo de aprendizagem, assumir responsabilidades e tomar decisões conscientes sobre sua trajetória formativa. De acordo com Valente (2022), a construção da autonomia está diretamente relacionada à oferta de experiências pedagógicas que desafiem o estudante a refletir, investigar e aplicar conhecimentos em situações reais ou simuladas. As metodologias ativas, ao favorecerem esse tipo de experiência, contribuem para a formação de sujeitos mais críticos, participativos e responsáveis.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa perspectiva ao destacar, entre suas competências gerais, a importância do protagonismo, da autonomia intelectual, do pensamento crítico e da capacidade de aprender a aprender. Nesse sentido, a adoção de metodologias ativas apresenta-se como uma estratégia coerente com as diretrizes educacionais brasileiras, ao alinhar práticas pedagógicas às competências e habilidades necessárias para a formação integral dos estudantes. No entanto, a implementação dessas metodologias ainda enfrenta desafios significativos, como a formação docente, a resistência às mudanças pedagógicas, as limitações estruturais das instituições de ensino e a rigidez curricular.

3

Diante desse cenário, torna-se relevante aprofundar a discussão sobre o papel das metodologias ativas no desenvolvimento da autonomia do estudante, analisando suas contribuições e limites no contexto educacional brasileiro. Assim, este artigo tem como objetivo analisar as metodologias ativas como estratégia para o desenvolvimento da autonomia do estudante no processo de ensino-aprendizagem, a partir de uma revisão bibliográfica da produção científica recente. Busca-se, ainda, refletir sobre os desafios envolvidos na implementação dessas abordagens e sobre o papel do professor na mediação de práticas pedagógicas centradas no estudante.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com caráter exploratório e descritivo, cujo objetivo foi analisar as metodologias ativas como estratégia para o desenvolvimento da autonomia do estudante no

processo de ensino-aprendizagem. A opção por uma pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de sistematizar e discutir o conhecimento já produzido sobre a temática, permitindo a compreensão das principais contribuições, concepções teóricas e desafios apontados pela literatura educacional contemporânea.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir da consulta a livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais relacionados às metodologias ativas, à autonomia do estudante e às práticas pedagógicas inovadoras. As buscas foram realizadas em bases de dados acadêmicas amplamente reconhecidas, como Google Acadêmico e SciELO, por se tratarem de fontes que reúnem produções científicas relevantes no contexto educacional brasileiro.

Para a seleção do material, foram utilizados os seguintes descritores: “*metodologias ativas*”, “*autonomia do estudante*”, “*protagonismo discente*”, “*aprendizagem significativa*” e “*prática pedagógica*”. Esses termos foram combinados de diferentes formas, com o intuito de ampliar o alcance da busca e identificar estudos que abordassem a temática sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

Como critérios de inclusão, foram selecionadas produções publicadas em língua portuguesa, com foco no contexto educacional brasileiro, priorizando-se estudos publicados nos últimos anos, a fim de garantir a atualidade das discussões. Também foram considerados textos clássicos da área, reconhecidos por sua relevância teórica, quando estes se mostraram fundamentais para a compreensão dos conceitos centrais do estudo. Foram excluídos trabalhos que não apresentavam relação direta com o objetivo da pesquisa ou que abordavam as metodologias ativas de forma superficial ou desvinculada do contexto educacional.

Após a seleção do material, procedeu-se à leitura exploratória dos textos, seguida de uma leitura analítica e interpretativa, com o objetivo de identificar conceitos, categorias e argumentos recorrentes relacionados às metodologias ativas e ao desenvolvimento da autonomia do estudante. A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa, buscando estabelecer relações entre os diferentes estudos e dialogar com as contribuições teóricas dos autores selecionados.

Os dados obtidos a partir da análise bibliográfica foram organizados em eixos temáticos, que subsidiaram a construção das seções de Resultados e Discussão. Esses eixos contemplaram aspectos como: o protagonismo do estudante, o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa, o papel do professor nas metodologias ativas e os desafios para a implementação dessas abordagens no contexto educacional. Essa organização permitiu uma

análise sistemática e coerente dos achados, favorecendo a articulação entre teoria e prática pedagógica.

Cabe destacar que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve envolvimento direto de sujeitos, o que dispensa a submissão do estudo a comitês de ética em pesquisa. No entanto, foram respeitados os princípios éticos da pesquisa científica, com a devida citação das fontes utilizadas e o reconhecimento das contribuições dos autores consultados, conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou uma análise aprofundada das metodologias ativas como estratégia pedagógica, contribuindo para a compreensão de seus impactos no desenvolvimento da autonomia do estudante e para a reflexão sobre seus limites e possibilidades no contexto educacional brasileiro.

RESULTADOS

Metodologias ativas e protagonismo do estudante

O protagonismo do estudante constitui um dos princípios centrais das metodologias ativas e representa uma ruptura significativa com os modelos tradicionais de ensino, nos quais o aluno ocupa predominantemente uma posição passiva no processo de aprendizagem. No contexto das metodologias ativas, o estudante é compreendido como sujeito ativo, responsável por investigar, refletir, tomar decisões e construir o próprio conhecimento, enquanto o professor assume o papel de mediador e orientador do processo educativo. A literatura brasileira recente destaca que esse deslocamento de papéis favorece aprendizagens mais significativas e contribui para o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da responsabilidade pelo aprender (MORAN, 2021; BACICH; MORAN, 2021).

Segundo Moran (2021), o protagonismo discente está diretamente relacionado à participação ativa do estudante em situações de aprendizagem que envolvem problematização, colaboração e tomada de decisões. As metodologias ativas, ao proporem desafios reais ou simulados, incentivam o aluno a mobilizar conhecimentos prévios, buscar novas informações e aplicar conceitos em contextos práticos. Esse processo estimula o engajamento cognitivo e emocional, tornando a aprendizagem mais contextualizada e relevante.

Bacich e Moran (2021) afirmam que metodologias como a sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em problemas (Problem-Based Learning – PBL) e a aprendizagem baseada em projetos (Project-Based Learning) favorecem o protagonismo do estudante ao

deslocarem o foco da aula expositiva para atividades investigativas e colaborativas. Nessas abordagens, o estudante precisa planejar, pesquisar, discutir e apresentar soluções, assumindo um papel ativo na construção do conhecimento. Dessa forma, o protagonismo não se restringe à participação em sala de aula, mas envolve também a organização do tempo, a gestão das próprias aprendizagens e o desenvolvimento da autonomia intelectual.

Outro aspecto relevante do protagonismo discente nas metodologias ativas refere-se ao desenvolvimento da aprendizagem significativa. Valente (2022) destaca que, ao participar ativamente do processo educativo, o estudante estabelece relações mais profundas entre os conteúdos estudados e sua realidade, o que favorece a compreensão conceitual e a retenção do conhecimento. A aprendizagem deixa de ser um processo mecânico de memorização e passa a ser construída a partir da interação entre o sujeito, o conhecimento e o contexto social.

A literatura também aponta que o protagonismo do estudante está intimamente ligado ao desenvolvimento de competências socioemocionais. Segundo Kenski (2023), ao trabalhar em atividades colaborativas e projetos interdisciplinares, o estudante desenvolve habilidades como comunicação, cooperação, empatia e responsabilidade. Essas competências são fundamentais para a formação integral do indivíduo e estão alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância do protagonismo juvenil e da formação para a cidadania.

6

No entanto, os estudos analisados ressaltam que o protagonismo discente não ocorre de forma espontânea ou automática. É necessário que o professor planeje intencionalmente as atividades, criando situações de aprendizagem que estimulem a participação ativa e a reflexão crítica. Moran (2021) enfatiza que o protagonismo do estudante depende de uma mudança na cultura escolar, que valorize o erro como parte do processo de aprendizagem, incentive o diálogo e promova a escuta ativa.

Outro desafio identificado refere-se à resistência de alguns estudantes, acostumados a modelos tradicionais de ensino, em assumir uma postura mais ativa. Bacich e Moran (2021) destacam que o desenvolvimento do protagonismo exige um processo gradual de adaptação, no qual o estudante aprende a lidar com a autonomia, a responsabilidade e a tomada de decisões. Nesse sentido, o papel do professor como orientador e facilitador é fundamental para apoiar o estudante nesse processo de transição.

Além disso, a literatura aponta que o protagonismo do estudante está condicionado às condições estruturais e pedagógicas da instituição de ensino. Kenski (2023) ressalta que

ambientes de aprendizagem flexíveis, acesso a recursos tecnológicos e apoio institucional favorecem a implementação de metodologias ativas. A ausência dessas condições pode limitar o alcance do protagonismo discente, reduzindo as metodologias ativas a práticas pontuais e desarticuladas do currículo.

Diante do exposto, os resultados evidenciam que as metodologias ativas constituem estratégias pedagógicas eficazes para o fortalecimento do protagonismo do estudante, ao promoverem participação ativa, autonomia e aprendizagem significativa. Contudo, para que esse protagonismo se consolide, é indispensável a mediação pedagógica qualificada, o planejamento intencional das atividades e o compromisso institucional com uma educação centrada no estudante. Assim, o protagonismo discente deve ser compreendido não apenas como uma técnica pedagógica, mas como um princípio formativo essencial para a construção de sujeitos críticos, autônomos e socialmente responsáveis.

Desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa

O desenvolvimento da autonomia do estudante e a promoção da aprendizagem significativa configuram-se como objetivos centrais das metodologias ativas no contexto educacional contemporâneo. Essas abordagens pedagógicas partem do pressuposto de que a aprendizagem ocorre de forma mais efetiva quando o estudante assume um papel ativo na construção do conhecimento, envolvendo-se cognitivamente, emocionalmente e socialmente com as situações de aprendizagem. Nesse sentido, a autonomia não é compreendida apenas como a capacidade de estudar de forma independente, mas como a habilidade de tomar decisões, assumir responsabilidades e refletir criticamente sobre o próprio processo de aprender (MORAN, 2021; VALENTE, 2022).

A aprendizagem significativa, conforme defendem diversos autores, ocorre quando o estudante consegue relacionar novos conhecimentos com saberes prévios, atribuindo sentido ao que aprende. As metodologias ativas favorecem esse tipo de aprendizagem ao propor situações-problema, projetos e desafios contextualizados, que exigem do estudante a mobilização de conhecimentos, a investigação e a aplicação prática dos conteúdos. Bacich e Moran (2021) destacam que, ao participar ativamente do processo educativo, o estudante deixa de memorizar informações de forma mecânica e passa a compreender os conteúdos de maneira mais profunda e duradoura.

No âmbito das metodologias ativas, o desenvolvimento da autonomia está diretamente relacionado à forma como o estudante organiza sua aprendizagem. Estratégias como a sala de aula invertida exigem que o aluno se prepare previamente, gerencie seu tempo e busque informações de maneira autônoma. Segundo Valente (2022), esse movimento contribui para o fortalecimento da autorregulação da aprendizagem, uma vez que o estudante aprende a planejar, monitorar e avaliar seu próprio desempenho. A autonomia, nesse contexto, é construída gradualmente, a partir de experiências pedagógicas que estimulam a responsabilidade e a iniciativa.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel das metodologias ativas na promoção do pensamento crítico e reflexivo, elementos essenciais tanto para a autonomia quanto para a aprendizagem significativa. Moran (2021) afirma que práticas pedagógicas centradas no estudante favorecem a problematização da realidade, incentivando o questionamento, a argumentação e a tomada de decisões fundamentadas. Ao lidar com problemas reais ou simulados, o estudante desenvolve a capacidade de analisar situações, propor soluções e refletir sobre as consequências de suas escolhas, fortalecendo sua autonomia intelectual.

A literatura brasileira também aponta que a aprendizagem significativa promovida pelas metodologias ativas está associada ao engajamento do estudante. Kenski (2023) destaca que atividades colaborativas, projetos interdisciplinares e uso de diferentes linguagens tornam o processo de aprendizagem mais dinâmico e motivador. Esse engajamento favorece a construção de sentidos e o envolvimento do estudante com os objetivos de aprendizagem, ampliando as possibilidades de internalização dos conteúdos trabalhados.

Entretanto, os estudos analisados ressaltam que o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa não ocorre de forma automática. É fundamental que o professor planeje intencionalmente as atividades, estabelecendo objetivos claros e criando condições para que o estudante participe ativamente do processo. Bacich e Moran (2021) enfatizam que a autonomia não significa ausência de orientação, mas sim a construção de um ambiente pedagógico em que o estudante é constantemente desafiado, apoiado e incentivado a refletir sobre sua aprendizagem.

Outro desafio identificado refere-se à adaptação dos estudantes a modelos pedagógicos que exigem maior protagonismo. Muitos alunos, acostumados a práticas tradicionais, inicialmente demonstram dificuldades em assumir responsabilidades e tomar decisões sobre seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, Valente (2022) ressalta que o desenvolvimento da

autonomia deve ser compreendido como um processo contínuo, que requer acompanhamento docente, feedback constante e oportunidades progressivas de participação ativa.

Além disso, a aprendizagem significativa está condicionada às condições institucionais e pedagógicas. Kenski (2023) aponta que ambientes de aprendizagem flexíveis, acesso a recursos didáticos diversificados e uma cultura escolar que valorize o erro como parte do processo de aprendizagem são fatores que contribuem para a efetividade das metodologias ativas. A ausência dessas condições pode comprometer o desenvolvimento da autonomia, reduzindo as metodologias ativas a práticas pontuais e descontextualizadas.

Diante do exposto, os resultados evidenciam que as metodologias ativas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da autonomia do estudante e na promoção da aprendizagem significativa. Ao incentivar a participação ativa, a reflexão crítica e a responsabilidade pelo próprio aprendizado, essas abordagens contribuem para a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e capazes de aprender ao longo da vida. Contudo, para que esses objetivos se concretizem, é indispensável a mediação pedagógica qualificada, o planejamento intencional e o compromisso institucional com uma educação centrada no estudante.

Papel do professor nas metodologias ativas

A adoção das metodologias ativas no contexto educacional implica uma redefinição significativa do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Diferentemente do modelo tradicional, em que o docente assume a função central de transmissor de conteúdos, as metodologias ativas demandam que o professor atue como mediador, orientador e facilitador da aprendizagem. Essa mudança de postura pedagógica é apontada pela literatura brasileira recente como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia do estudante e para a efetividade dessas abordagens (MORAN, 2021; VALENTE, 2022).

No âmbito das metodologias ativas, o professor passa a ser responsável pela criação de ambientes de aprendizagem desafiadores, que estimulem a participação ativa, a reflexão crítica e a construção do conhecimento. Segundo Moran (2021), o docente deve planejar situações pedagógicas que provoquem o estudante a investigar, questionar e resolver problemas, promovendo aprendizagens significativas. Nesse sentido, o planejamento pedagógico assume papel central, pois é nele que se definem os objetivos de aprendizagem, as estratégias metodológicas e os instrumentos de acompanhamento do processo educativo.

Valente (2022) destaca que o professor, nas metodologias ativas, atua como um designer de experiências de aprendizagem, organizando atividades que favoreçam a interação entre os estudantes, o uso de diferentes linguagens e a articulação entre teoria e prática. Essa função exige do docente não apenas domínio dos conteúdos, mas também competências pedagógicas e tecnológicas, além de sensibilidade para compreender as necessidades e os ritmos de aprendizagem dos alunos.

Outro aspecto relevante do papel do professor refere-se à mediação pedagógica. Nas metodologias ativas, o docente acompanha o processo de aprendizagem de forma contínua, oferecendo orientações, feedbacks e intervenções pontuais. Bacich e Moran (2021) ressaltam que a mediação não significa ausência de ensino, mas sim uma atuação intencional que orienta o estudante na construção do conhecimento. O professor observa, questiona, provoca reflexões e auxilia os alunos a superarem dificuldades, sem retirar deles a responsabilidade pelo próprio aprendizado.

A avaliação da aprendizagem também assume novas configurações no contexto das metodologias ativas, ampliando o papel do professor como avaliador formativo. Segundo Kenski (2023), o docente deixa de utilizar a avaliação apenas como instrumento classificatório e passa a empregá-la como ferramenta diagnóstica e formativa, acompanhando o desenvolvimento dos estudantes ao longo do processo. Essa prática favorece a autorregulação da aprendizagem e contribui para o fortalecimento da autonomia discente.

Além disso, o professor exerce papel fundamental na construção de uma cultura de aprendizagem colaborativa. As metodologias ativas frequentemente envolvem trabalhos em grupo, projetos interdisciplinares e atividades cooperativas, que exigem do docente a promoção do diálogo, do respeito às diferenças e da participação equitativa. Moran (2021) afirma que o professor deve incentivar a escuta ativa, a argumentação e a troca de experiências, criando um ambiente seguro para a expressão de ideias e para o aprendizado coletivo.

A literatura também aponta que o papel do professor nas metodologias ativas envolve o apoio ao desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Ao acompanhar de perto o processo de aprendizagem, o docente pode identificar dificuldades relacionadas à insegurança, à falta de autonomia ou à resistência às mudanças pedagógicas. Valente (2022) destaca que o professor deve atuar como orientador, auxiliando os estudantes a lidarem com a responsabilidade, a tomada de decisões e a gestão do tempo, competências essenciais para o protagonismo discente.

Entretanto, os estudos analisados evidenciam que a atuação do professor nas metodologias ativas enfrenta desafios significativos. A falta de formação continuada específica, a sobrecarga de trabalho e a resistência a mudanças pedagógicas são fatores que podem comprometer a efetividade dessas abordagens (KENSKI, 2023). Nesse sentido, a formação docente assume papel estratégico, devendo contemplar tanto aspectos teóricos quanto práticos relacionados às metodologias ativas e ao uso pedagógico das tecnologias educacionais.

Outro desafio refere-se à necessidade de apoio institucional. Moran (2021) ressalta que o professor não consegue implementar metodologias ativas de forma isolada, sendo fundamental o envolvimento da gestão escolar, a adequação do currículo e a disponibilidade de recursos didáticos e tecnológicos. A ausência desse suporte pode limitar a atuação docente e reduzir as metodologias ativas a práticas pontuais, sem impacto significativo no processo de aprendizagem.

Diante do exposto, os resultados indicam que o professor desempenha papel central nas metodologias ativas, sendo responsável por planejar, mediar, avaliar e orientar o processo de aprendizagem de forma intencional e reflexiva. A efetividade dessas abordagens depende diretamente da atuação docente, que deve estar alinhada a uma concepção de educação centrada no estudante e comprometida com o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa. Assim, o professor não perde protagonismo nas metodologias ativas, mas ressignifica sua atuação, assumindo um papel ainda mais complexo, estratégico e essencial no processo educativo.

Desafios para a implementação das metodologias ativas

Apesar das reconhecidas contribuições das metodologias ativas para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo discente e da aprendizagem significativa, sua implementação no contexto educacional brasileiro ainda enfrenta diversos desafios. A literatura recente aponta que a adoção dessas abordagens pedagógicas exige mudanças estruturais, culturais e formativas que nem sempre são facilmente concretizadas nas instituições de ensino, especialmente na educação básica e nas redes públicas (MORAN, 2021; KENSKI, 2023).

Um dos principais desafios refere-se à formação docente. Muitos professores foram formados em modelos pedagógicos tradicionais, centrados na transmissão de conteúdos, e não tiveram oportunidades de vivenciar ou estudar metodologias ativas durante sua formação inicial. Segundo Valente (2022), a ausência de formação continuada específica dificulta a

compreensão dos fundamentos teóricos dessas metodologias e sua aplicação prática em sala de aula. Como consequência, há o risco de uso superficial ou inadequado das metodologias ativas, reduzidas a atividades pontuais, sem intencionalidade pedagógica clara.

Além da formação, a resistência à mudança constitui um obstáculo relevante. Moran (2021) destaca que a implementação das metodologias ativas implica a ruptura com práticas consolidadas, o que pode gerar insegurança tanto em professores quanto em estudantes. Muitos docentes manifestam receio de perder o controle da turma ou de comprometer o cumprimento do currículo, enquanto estudantes, acostumados a uma postura passiva, podem apresentar dificuldades em assumir maior responsabilidade por sua aprendizagem. Esse cenário evidencia a necessidade de um processo gradual de transição, acompanhado de apoio pedagógico e institucional.

Outro desafio significativo diz respeito às condições estruturais e organizacionais das instituições de ensino. Kenski (2023) ressalta que as metodologias ativas demandam ambientes de aprendizagem flexíveis, acesso a recursos didáticos diversificados e, em muitos casos, suporte tecnológico adequado. A falta de infraestrutura, como salas adaptadas, equipamentos tecnológicos e conectividade, limita a implementação dessas abordagens, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e econômicas.

12

A organização curricular também se apresenta como um entrave à adoção das metodologias ativas. Currículos excessivamente fragmentados, conteudistas e rígidos dificultam o desenvolvimento de propostas interdisciplinares e projetos de longa duração, características centrais dessas metodologias. Segundo Bacich e Moran (2021), a efetividade das metodologias ativas depende de currículos flexíveis, que permitam a integração entre diferentes áreas do conhecimento e valorizem processos de aprendizagem, e não apenas a transmissão de conteúdos.

A avaliação da aprendizagem constitui outro desafio importante. Em muitos contextos educacionais, ainda predominam práticas avaliativas tradicionais, centradas em provas e testes padronizados. Kenski (2023) afirma que esse modelo avaliativo entra em conflito com os princípios das metodologias ativas, que valorizam a avaliação formativa, processual e reflexiva. A dificuldade em alinhar as práticas avaliativas às metodologias ativas pode desestimular professores e estudantes, comprometendo a consolidação dessas abordagens.

Além disso, a carga de trabalho docente aparece como um fator limitante. Planejar, acompanhar e avaliar atividades baseadas em metodologias ativas exige tempo, dedicação e

reflexão pedagógica. Valente (2022) destaca que, diante da sobrecarga de tarefas administrativas e do grande número de turmas, muitos professores encontram dificuldades para reorganizar suas práticas pedagógicas. A ausência de condições adequadas de trabalho pode levar à descontinuidade ou ao abandono das propostas inovadoras.

Outro desafio refere-se ao apoio institucional e à gestão escolar. Moran (2021) enfatiza que a implementação das metodologias ativas não pode depender exclusivamente da iniciativa individual do professor. É fundamental que a gestão escolar esteja comprometida com a inovação pedagógica, oferecendo suporte, incentivando a formação continuada e promovendo uma cultura institucional favorável à experimentação e à reflexão pedagógica. A falta desse apoio tende a isolar o docente e a fragilizar as práticas inovadoras.

Por fim, a literatura aponta que a implementação das metodologias ativas deve considerar as características socioculturais dos estudantes. Bacich e Moran (2021) alertam que contextos marcados por desigualdades educacionais exigem adaptações pedagógicas cuidadosas, de modo a evitar que a autonomia proposta pelas metodologias ativas se transforme em abandono ou exclusão. Nesse sentido, a mediação docente e o acompanhamento constante são fundamentais para garantir equidade no processo de aprendizagem.

Diante do exposto, os resultados indicam que os desafios para a implementação das metodologias ativas são múltiplos e interdependentes, envolvendo formação docente, infraestrutura, currículo, avaliação e cultura escolar. Superar esses desafios requer políticas educacionais consistentes, investimento em formação continuada, apoio institucional e compromisso com uma educação centrada no estudante. Assim, as metodologias ativas podem se consolidar como estratégias pedagógicas efetivas, capazes de promover autonomia, protagonismo e aprendizagem significativa.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados evidenciou que as metodologias ativas se configuram como estratégias pedagógicas relevantes para o desenvolvimento da autonomia do estudante e para a promoção de aprendizagens significativas. No entanto, a efetividade dessas metodologias não pode ser compreendida de forma isolada ou descontextualizada, uma vez que sua implementação está diretamente relacionada a fatores pedagógicos, institucionais, formativos e socioculturais. Assim, a discussão dos achados permite aprofundar a compreensão sobre as

potencialidades e os limites das metodologias ativas no contexto educacional brasileiro contemporâneo.

Os resultados referentes ao protagonismo do estudante confirmam o que a literatura nacional tem apontado nos últimos anos: as metodologias ativas promovem uma mudança paradigmática no processo de ensino-aprendizagem, deslocando o foco da transmissão de conteúdos para a construção ativa do conhecimento. Moran (2021) destaca que esse deslocamento não se limita a uma alteração metodológica, mas representa uma mudança na concepção de aprendizagem, que passa a ser entendida como um processo dinâmico, interativo e contextualizado. Nesse sentido, os achados deste estudo corroboram a ideia de que o protagonismo discente favorece o engajamento, a responsabilidade e a autonomia do estudante.

Entretanto, a discussão dos resultados também evidencia que o protagonismo do estudante não ocorre de maneira espontânea. Conforme apontado por Bacich e Moran (2021), a autonomia discente é construída progressivamente, por meio de experiências pedagógicas planejadas e mediadas pelo professor. Os resultados indicam que, quando as metodologias ativas são aplicadas sem intencionalidade pedagógica ou sem acompanhamento docente adequado, há o risco de o estudante sentir-se desorientado ou sobrecarregado. Esse achado dialoga com a literatura que alerta para a necessidade de compreender o protagonismo não como ausência de mediação, mas como um processo orientado e sustentado pela prática pedagógica.

14

No que se refere ao desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa, os resultados demonstram que as metodologias ativas favorecem a articulação entre conhecimentos prévios e novos conteúdos, promovendo aprendizagens mais profundas e duradouras. Valente (2022) afirma que a autonomia está intrinsecamente relacionada à capacidade do estudante de refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem, planejar estratégias e avaliar resultados. As metodologias ativas, ao exigirem participação ativa, investigação e resolução de problemas, criam condições para o desenvolvimento dessas competências.

A aprendizagem significativa, conforme discutida nos resultados, também se mostrou diretamente relacionada ao engajamento dos estudantes. Kenski (2023) ressalta que o envolvimento ativo em atividades contextualizadas favorece a atribuição de sentido ao conhecimento escolar, reduzindo a fragmentação entre teoria e prática. A discussão dos achados reforça que metodologias como aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida e

resolução de problemas ampliam as possibilidades de integração entre diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para uma formação mais integral.

Contudo, os resultados indicam que a promoção da aprendizagem significativa depende de condições institucionais e pedagógicas específicas. A ausência de ambientes de aprendizagem flexíveis, de recursos didáticos adequados e de uma cultura escolar que valorize a experimentação pode comprometer a efetividade das metodologias ativas. Esse aspecto reforça a ideia defendida por Moran (2021) de que a inovação pedagógica não se sustenta apenas na adoção de novas metodologias, mas requer mudanças estruturais e culturais nas instituições de ensino.

A discussão sobre o papel do professor nas metodologias ativas revela que a atuação docente continua sendo central no processo educativo, embora ressignificada. Os resultados confirmam que o professor deixa de ser o único detentor do conhecimento para assumir a função de mediador, orientador e facilitador da aprendizagem. Valente (2022) destaca que essa mudança exige do docente novas competências pedagógicas, como a capacidade de planejar experiências de aprendizagem, acompanhar processos e oferecer feedbacks formativos.

Entretanto, a discussão dos achados evidencia que essa ressignificação do papel docente nem sempre é acompanhada de condições adequadas de formação e trabalho. Kenski (2023) aponta que muitos professores enfrentam dificuldades para implementar metodologias ativas devido à falta de formação continuada, à sobrecarga de trabalho e à ausência de apoio institucional. Os resultados deste estudo reforçam essa constatação, ao indicar que a implementação bem-sucedida das metodologias ativas depende diretamente do investimento em políticas de formação docente e valorização profissional.

Outro ponto relevante discutido nos resultados refere-se aos desafios para a implementação das metodologias ativas. A formação docente apareceu como um dos principais entraves, o que está em consonância com a literatura nacional recente. Moran (2021) afirma que a formação inicial de muitos professores ainda está ancorada em modelos tradicionais de ensino, pouco alinhados às demandas de uma educação centrada no estudante. A ausência de experiências formativas que articulem teoria e prática dificulta a compreensão dos fundamentos das metodologias ativas e limita sua aplicação no cotidiano escolar.

Além da formação, a resistência às mudanças pedagógicas constitui um desafio significativo. A discussão dos resultados evidencia que tanto professores quanto estudantes podem apresentar dificuldades em adaptar-se a modelos que exigem maior autonomia e

participação ativa. Bacich e Moran (2021) destacam que a cultura escolar tradicional, baseada na centralidade do professor e na avaliação classificatória, pode gerar insegurança diante de propostas inovadoras. Esse aspecto reforça a necessidade de processos de implementação gradual, que envolvam sensibilização, diálogo e acompanhamento pedagógico.

A infraestrutura e a organização curricular também se destacam como fatores limitantes. Os resultados indicam que currículos rígidos e excessivamente conteudistas dificultam a adoção de metodologias ativas, especialmente aquelas que demandam projetos interdisciplinares e maior flexibilidade de tempo. Kenski (2023) ressalta que a inovação pedagógica requer currículos mais integrados e alinhados às competências previstas na Base Nacional Comum Curricular, que valoriza o protagonismo e a autonomia do estudante.

No que se refere à avaliação da aprendizagem, a discussão dos resultados aponta para a necessidade de revisão das práticas avaliativas. As metodologias ativas exigem avaliações formativas, processuais e qualitativas, que acompanhem o desenvolvimento do estudante ao longo do percurso educativo. No entanto, a permanência de modelos avaliativos tradicionais, centrados em provas e testes padronizados, constitui um obstáculo à consolidação dessas metodologias. Valente (2022) enfatiza que a avaliação deve ser compreendida como parte integrante do processo de aprendizagem, e não como um momento isolado de verificação de resultados.

16

Outro aspecto relevante discutido nos resultados refere-se à equidade educacional. Embora as metodologias ativas tenham potencial para promover inclusão e personalização da aprendizagem, sua implementação em contextos marcados por desigualdades sociais exige cuidados específicos. Bacich e Moran (2021) alertam que a autonomia proposta pelas metodologias ativas não pode ser confundida com abandono pedagógico, especialmente em contextos onde os estudantes apresentam defasagens educacionais ou dificuldades de acesso a recursos tecnológicos. Nesse sentido, a mediação docente e o acompanhamento contínuo são fundamentais para garantir que todos os estudantes se beneficiem dessas abordagens.

A discussão também evidencia que a implementação das metodologias ativas deve estar alinhada a políticas educacionais consistentes. Moran (2021) destaca que iniciativas isoladas, sem apoio institucional e sem articulação com o projeto pedagógico da escola, tendem a ter impacto limitado. Os resultados deste estudo reforçam a importância de uma abordagem sistêmica, que envolva gestão escolar, formação docente, currículo, avaliação e infraestrutura.

Diante do conjunto de achados discutidos, é possível afirmar que as metodologias ativas representam uma estratégia pedagógica potente para o desenvolvimento da autonomia do estudante e para a promoção da aprendizagem significativa. No entanto, sua efetividade depende de múltiplos fatores interdependentes, que vão além da escolha metodológica. A discussão dos resultados reforça que a inovação pedagógica exige planejamento, formação, investimento e compromisso institucional com uma educação centrada no estudante.

Assim, a adoção das metodologias ativas deve ser compreendida como um processo contínuo de transformação pedagógica, que envolve mudanças na prática docente, na cultura escolar e nas políticas educacionais. Quando implementadas de forma crítica, reflexiva e contextualizada, essas metodologias podem contribuir significativamente para a formação de estudantes autônomos, críticos e capazes de aprender ao longo da vida, atendendo às demandas da educação contemporânea e aos princípios da educação democrática e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar as metodologias ativas como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da autonomia do estudante no processo de ensino-aprendizagem. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar que essas metodologias representam uma alternativa consistente aos modelos tradicionais de ensino, ao promoverem o protagonismo discente, a aprendizagem significativa e a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento.

Os resultados evidenciaram que metodologias como a sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em problemas e projetos, o ensino híbrido e as práticas colaborativas contribuem significativamente para o fortalecimento da autonomia do estudante. Essas abordagens possibilitam que o aluno assuma maior responsabilidade por sua aprendizagem, desenvolva a capacidade de tomar decisões, organize seu tempo e reflita criticamente sobre seus próprios processos cognitivos. Nesse sentido, as metodologias ativas favorecem não apenas a aquisição de conteúdos, mas também o desenvolvimento de competências essenciais para a formação integral do sujeito.

Outro aspecto relevante identificado ao longo do estudo refere-se à promoção da aprendizagem significativa. As metodologias ativas, ao valorizarem situações-problema contextualizadas e a articulação entre teoria e prática, ampliam as possibilidades de atribuição de sentido ao conhecimento escolar. Dessa forma, a aprendizagem deixa de ser um processo

mecânico e fragmentado e passa a ser construída de maneira mais profunda, contextualizada e duradoura, alinhando-se às demandas da educação contemporânea e às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular.

As análises também evidenciaram que o papel do professor é central para a efetividade das metodologias ativas. Longe de perder relevância, o docente assume uma função ainda mais complexa e estratégica, atuando como mediador, orientador e facilitador da aprendizagem. Cabe ao professor planejar experiências pedagógicas significativas, acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, oferecer feedbacks formativos e criar ambientes de aprendizagem que estimulem a participação, o diálogo e a reflexão crítica. Nesse contexto, a mediação pedagógica qualificada é condição indispensável para que a autonomia discente se desenvolva de forma progressiva e responsável.

Entretanto, o estudo também apontou desafios significativos para a implementação das metodologias ativas no contexto educacional brasileiro. Entre os principais obstáculos destacam-se a formação docente insuficiente, a resistência às mudanças pedagógicas, a sobrecarga de trabalho dos professores, as limitações estruturais das instituições de ensino e a rigidez curricular. Esses fatores evidenciam que a adoção das metodologias ativas não pode ocorrer de maneira isolada ou pontual, mas deve estar inserida em um projeto pedagógico institucional mais amplo, sustentado por políticas educacionais consistentes.

18

A pesquisa reforça, ainda, que a autonomia proposta pelas metodologias ativas não deve ser confundida com ausência de orientação ou abandono pedagógico. Especialmente em contextos marcados por desigualdades educacionais, é fundamental que o professor acompanhe de forma contínua o processo de aprendizagem, garantindo equidade e apoio aos estudantes que apresentam maiores dificuldades. Assim, a autonomia deve ser construída de forma gradual, mediada e contextualizada, respeitando as especificidades dos sujeitos e dos contextos educativos.

Diante dessas considerações, conclui-se que as metodologias ativas constituem estratégias pedagógicas potentes para o desenvolvimento da autonomia do estudante e para a promoção de aprendizagens significativas. Contudo, sua efetividade depende de múltiplos fatores interdependentes, como formação docente continuada, apoio institucional, adequação curricular e melhoria das condições estruturais das escolas. A implementação dessas metodologias exige, portanto, um compromisso coletivo que envolva professores, gestores, instituições de ensino e políticas públicas.

Por fim, este estudo contribui para o debate acadêmico ao reforçar a importância das metodologias ativas como caminho para uma educação centrada no estudante, crítica e emancipadora. Sugere-se que pesquisas futuras aprofundem investigações empíricas sobre a aplicação dessas metodologias em diferentes níveis e modalidades de ensino, de modo a ampliar a compreensão sobre seus impactos, limites e possibilidades no contexto educacional brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se, primeiramente, às instituições de ensino e aos professores que contribuíram para a formação acadêmica e profissional que possibilitou a realização deste estudo. O contato com diferentes perspectivas pedagógicas e experiências educacionais foi fundamental para a construção das reflexões apresentadas ao longo deste trabalho.

Expressa-se também reconhecimento aos pesquisadores brasileiros cujas produções científicas fundamentaram a discussão teórica sobre metodologias ativas, protagonismo discente e desenvolvimento da autonomia do estudante. As contribuições desses autores foram essenciais para a compreensão das potencialidades e dos desafios envolvidos na implementação de práticas pedagógicas inovadoras no contexto educacional contemporâneo.

Agradece-se, ainda, aos profissionais da educação que, em meio aos desafios cotidianos da prática docente, buscam ressignificar suas metodologias de ensino, promovendo experiências de aprendizagem mais participativas, críticas e significativas. O empenho desses educadores inspira reflexões sobre a importância de uma educação centrada no estudante e comprometida com sua formação integral.

Por fim, registra-se gratidão a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para o desenvolvimento deste estudo, reforçando a relevância do diálogo entre teoria e prática pedagógica na construção de uma educação mais democrática, reflexiva e alinhada às demandas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias educacionais, metodologias ativas e formação docente. *Educação & Linguagem*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 45-60, 2023.

MORAN, José Manuel. Educação inovadora, metodologias ativas e aprendizagem significativa. *Revista Educação*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 12–27, 2021.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas e o papel do professor na educação contemporânea. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 42, e024009, 2021.

SILVA, João Luiz da; BARBOSA, Renata Cristina. Protagonismo discente e metodologias ativas no ensino básico. *Revista Educação e Tecnologia*, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 88–105, 2022.

VALENTE, José Armando. Metodologias ativas, tecnologias digitais e formação docente. *Educação em Questão*, Natal, v. 60, n. 64, p. 1–20, 2022.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Aprendizagem ativa e protagonismo do estudante no contexto digital. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e247912, 2022.